

DA SUPERFÍCIE AO INTERIOR: VER E IMAGINAR COMO TRANSBORDAMENTOS AFETIVOS

STELA SOARES KUBIAKI¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – stela.kubiaki@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão é parte de minha pesquisa em poéticas visuais¹, desenvolvida em paralelo ao Projeto de Pesquisa: Estudo sobre a profundidade, coordenado pela professora Dra. Martha Gomes de Freitas. Este projeto de pesquisa se coloca a partir de uma discussão prático-reflexiva de produções que articulam, com base em suas características plásticas e conceituais, a profundidade como uma chave de leitura e discussão para a formação de um pensamento. Por esse viés, apresentarei três estudos de minha produção pessoal que me direcionam a pensar esta camada externa em relação ao seu interior, uma espécie de acontecimento imagético que pressuponho como indicial.

A partir da minha experiência de intercâmbio em Portugal², seleciono fotografias realizadas em percursos e deslocamentos naquele país, onde exploro o encontro com algumas superfícies que me remetem a estes aspectos do que há por trás. Para mim há um anseio pela interioridade nestas imagens, como se elas me permitissem dizer sobre aquilo que não está visível, depositar sobre elas uma certa imaginação que anima o interior.

2. METODOLOGIA

Lamento (Imagem 01) é uma fotografia digital em close de uma parede, uma superfície bastante embolorada. Ao observar este revestimento descascando, percebi que por trás das camadas plásticas de tinta havia desenhos. Estes desenhos são comuns a uma técnica denominada escaiola, que simula mármore polido, bastante utilizada nos casarões de Pelotas.

Com a umidade da construção vedada pelo revestimento de tinta que encobre as escaiolas, a interioridade rompe a superfície, vindo à tona através do mofo branco e felpudo. Para mim, é como se as lamúrias do passado estivessem se materializando, avançando a partir do interior da parede. Assim os desenhos surgem como pequenos respiros. Nesta direção, trago Vitor Ramil, através do narrador de seu romance *Satolep*, quando ele define as escaiolas como um elemento “entre pedra e nuvem” em virtude das formas sutis sobre a parede:

Eu, desde criança, sou fascinado pelas escaiolas. Esse tipo de revestimento, engenhosa simulação do mármore, é a cerração das paredes internas da casa, quando as almas das tintas saem a passear. Eu e meu irmão costumávamos nos sentar diante delas. Ele ficava descrevendo os caminhos que que um dia íamos seguir, como se aqueles desenhos feitos de geometria e erro fossem mapas do futuro. Que caminho terá seguido meu irmão? “Onde vai dar esse

¹ Pesquisa que vem sendo desenvolvida no TCC – *Incontinente: Fronteiras dissolvidas entre corpo e espaço*, sob orientação da mesma professora, junto ao curso de Bacharelado em Artes Visuais.

² Mobilidade acadêmica internacional no curso de Artes Plásticas – Escultura, na Universidade do Porto em Portugal, no ano de 2020.

vermelho que se bifurca? O que existe no final do azul”, eu lhe perguntava às vezes. “Aprende a ver”, ele respondia. Usada para impermeabilizar, a escaiola flui como a água. É pedra e nuvem, uma substância só. (RAMIL, 2008. pg. 72).



Imagem 01: Stela Kubiaki. *Lamento*. Fotográfica digital. 2020. Acervo pessoal.

Percebo nessas palavras um sentido poético nas nuances entre o avistamento das geometrias da escaiola e a proximidade com o irmão. Nesse sentido, esses possíveis mapas são reflexões compartilhadas por uma percepção afetiva dessas relações. De alguma forma, estar diante dessa parede mirando a escaiola, através das camadas que a expõe, é aprender a ver algo revelado pela abstração, principalmente na ponte que se forma em meu imaginário entre as duas cidades, os afetos que se constroem aí.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vejo, a partir da imagem de *Lamento* (Imagem 01) pequenas topografias em função dos relevos construídos pelo mofo. Nesse sentido, busco compreender o que essas pequenas elevações de tinta e a descoberta das escaiolas podem remeter. Esses relevos rompidos, fachada de uma superfície vulnerável, me fazem chegar em Georges Didi-Huberman, especificamente no livro *Cascas*. A partir de uma viagem a Auschwitz, o filósofo fotografa uma série de texturas, incluindo as cascas de uma árvore. Essa viagem traz à tona questões sensíveis ao autor que permeiam sua própria história. Quando ele constrói um pensamento ao observar as imagens das cascas questiona:

O que a casca me diz a respeito da árvore. O que a árvore me diz a respeito do bosque. O que o bosque, o bosque de bétulas, me diz a respeito de Birkenau (...) Superfícies técnicas para testemunhar apenas a superfície das coisas. O que isso me diz a respeito do fundo, o que isso atinge no fundo? (DIDI-HUBERMAN, 2019. pg. 69)

Penso que pode haver uma profundidade a ser buscada nesses questionamentos, quando Didi-Huberman afirma que “há superfícies que transformam o fundo das coisas ao redor.” De certo modo, a interioridade tem a dizer sobre a superfície, bem como a superfície reflete essa interioridade. (DIDI-HUBERMAN, 2019). Penso o que essa superfície tem a dizer e sigo folheando as páginas do livro, onde me deparo com a seguinte afirmação:

Podemos pensar que a superfície é *o que cai das coisas*, que advém diretamente delas, o que se separa delas procedendo, portanto. E o que delas se separa para vir rastejando até nós, até a nossa vista, como retalhos de uma casca de árvore. Pelo menos que aceitemos nos abaixar para recolher alguns pedaços. (DIDI-HUBERMAN, 2019. pg. 70)

Assim o fiz. Ainda em Portugal, percorrendo a cidade em busca de uma camada de parede, encontrei um pequeno pedaço de azulejo próximo ao chão. Recolhi o azulejo e pus na palma da mão tentando conectar as linhas do objeto às linhas de minha mão. Não era um pedaço de árvore, mas era genealógico, dizia de uma cultura que havia me encontrado no outro lado do Atlântico. Trago este termo para flexionar o pensamento de Didi-Huberman sobre a casca ser indício da árvore. Chamei essa fotografia digital de *Fonte* (Imagem 02) por compreender que era uma espécie de vestígio, que conectado à linha da vida, também poderia ser interpretada como origem. Penso que o movimento de inserir o azulejo na palma da mão é uma forma de sinalizar essa identidade complexa.



Imagem 02: Stela Kubiaki. *Fonte*. Fotografia e colagem digital. 2021. Acervo pessoal

Retomando as superfícies passo a procurar por desgastes e texturas que possam remeter a presença da interioridade, associada a um estado mais líquido. Estava em busca de imagens, de fato treinando o meu olhar, para tudo que brotasse do interior das paredes do Porto. Em um passeio me deparei com a frontalidade de um grande prédio, onde percebi um acontecimento muito comum na cidade, ele ainda estava ligado as camadas de tinta, como em *Lamento*, só que aqui tratava-se do esgarçamento de uma grande área na superfície da fachada.

Como se tivesse presenciado o avistamento de uma entidade, nomeiei a fotografia como *Musa* (Imagem 03), a partir da percepção de um corpo feminino em baixo relevo. A parede em suas dobras remetia a babados e plissados, como se fosse possível ver uma silhueta em meio a transparências, tecidos e texturas.

Atravessada por esses avistamentos em função de uma imaginação aflorada pelas coisas que não estão de fato presentes, as imagens recolhidas, redefinidas em seus títulos, passam a ser possibilidades de encontro, satisfazendo um anseio. É claro que todas estas observações ganham intensidade quando compartilho que elas estavam situadas em plena pandemia de Covid19, no entre ondas que definiu períodos de confinamento e abertura na cidade.



Imagem 03: Stela Kubiaki. *Musa*. Fotografia digital. 2020. Acervo pessoal.

4. CONCLUSÕES

A partir dos trabalhos apresentados, é coerente pensar o ver neste entrecruzamento com a imaginação, como um fenômeno afetivo. Os dizeres de Didi-Huberman ressoam como possibilidades de investigar a profundidade poética e material das superfícies. Em paralelo, Vitor Ramil aciona uma série de sensações e lembranças associadas ao avistamento das escaiolas junto ao irmão de seu personagem, o rígido e o etéreo em comunhão.

Na direção dessa interioridade faço ainda menção ao livro *Cujo*, de Nuno Ramos, recorrendo ao relato estético em torno da interioridade de elementos próximos - assoalho, tijolos, cimento, azulejos. Em sua busca pelo que havia debaixo das coisas, ele sinaliza que por trás de cada materialidade, encontrou formas degradadas da superfície que a corresponde. (RAMOS, 2011).

As imagens que acompanham essa reflexão são conduzidas a partir das transformações que passei, no sentido geográfico e afetivo. *Lamento* me aproxima da minha cidade natal sendo um meio de referência com aquilo que é conhecido, as escaiolas. *Fonte* faz um paralelo com o meu país de origem, visto que os azulejos são parte integrante da história, em função da colonização portuguesa. *Musa* reflete, sobretudo, a minha área de estudo, sendo na mitologia grega, uma entidade a quem era atribuída a capacidade de criação artística.

Recupero essas imagens a fim de construir este percurso de encontros. A busca e o anseio pelo que está por trás dos elementos, no fundo, ainda que em uma instância imaginária, é a chave para compreender os trabalhos aqui trazidos. Nesse sentido, pressuponho, a partir destas imagens, em seu embate com o que é interior, que o ver e o imaginar são constatações de desejos de encontro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**; São Paulo: Editora 34, 2017.

RAMIL, Vitor. **Satolep**; São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RAMOS, Nuno. **Cujo**; Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.